

## PERMANÊNCIA DE DARIÓ

Sergio Ribeiro Rosa

### I

Ángel Salcedo Ruiz declara em sua "Historia Crítica de la Literatura Española" que não existe propriamente uma literatura hispano-americana, mas uma série de manifestações literárias esparsas que poder-se-ia designar genericamente de "literatura española en América".

Outro crítico de proeminência como Paul Groussac, em seu prefácio à "Crítica Literaria" de Carlos Roxo y Mitre, é de opinião que a manifestação do espírito hispano-americano como individualidade é somente admissível a partir de Amado Nervo, Leopoldo Lugones, José Santos Chocano e, muito especialmente, após o advento de Rubén Darío.

Em realidade, uma plêiade de jovens artistas a partir do início do século, operou uma radical transformação no espírito literário da América Espanhola, dando ensejo ao surgimento de volumes básicos da literatura hispano-americana de hoje, como: "La gloria de Don Ramiro", de Enrique Larreta; "Metal del Diablo", de Augusto Céspedes (recentemente lançado em português pela Editora Civilização Brasileira); "El embrujo de Sevilla", de Carlos A. Reyes; "El chileno en Madrid", de Edwards Bello; "El solar de la raza", de Manuel Gálvez; "Babel y el Castellano", de Arturo Capdevilla; "La magistratura indiana", de Ruiz Guíñazu e "Influencia de España y los E. Unidos sobre Mejico", de Esquivel Obregon.

Foi, porém, nas obras do escritor e poeta Rubén Darío que esta manifestação do espírito hispano-americano encontrou seu mais alto grau e sua expressão mais vigorosa; ele está para a Hispano-América como Mário de Andrade e Carlos Drummond permanecem para o Brasil.

Rubén Darío não só unificou, como deu sentido à uma época literária. Cosmopolita, universal, capaz de assimilar cultura das mais variadas formas e das mais distantes latitudes, ele espargiu, segundo

Federico de Onís (in "Antología de la Poesía Española y Hispano-Americana"), "uma semente que frutificou em tôdas as partes". Em realidade, através dele, a cultura da América Espanhola alcançou, pela vez primeira, um verdadeiro sentido de unidade e universalidade dentro da cosmogonia cultural hispânica.

Trata-se, com efeito, neste ano de 1967, da comemoração do centenário do poeta mais são, mais eclético, mais sincero e mais castelhana que até hoje surgiu nas letras da América Espanhola. Julio Cejador y Franca, na magnitude de sua monumental "Historia de la lengua y literatura castelhana" encontra para Darío (in Tomo X, p. 217) somente um vulto semelhante em sua época, embora que sensivelmente inferior: o argentino Pedro Bonifácio Palacios (1854-1917), mais conhecido como Almafuerte. Teríamos hoje, certamente, de ainda acrescentar à proeminência de Darío, outros vultos que o sucederam, quase todos seus discípulos ou admiradores, e que consolidaram seu trabalho de pioneiro: Jorge Luiz Borges, Pablo Neruda, Miguel Ángel Asturias, Josefina Plá, Juana de Ibarborou, Gabriela Mistral, Victoria Ocampo,

Montes de Oca e vários outros cuja omissão aqui não é ausência mas sim esquecimento de nossa parte.

O papel "missioneiro" de Rubén Darío é incontestável. Ei-lo chegando ao Chile e logo a ele se agrega um pugilo de poetas menores, todos vacilantes num estágio descolorido do romantismo aborígene, a tender entre a poesia colonial e os arroubos modernistas que lhes chegavam somente através de ecos esmaecidos. Darío é o dinamismo que os impulsiona. Através dele, como tão bem acentua Julio A. Leguizamón (in "Historia de la Literatura Hispano-Americana", Editoriales Reunidos, Buenos Aires, 1945, Tomo I, p. 604), os poetas jovens, os Neruda, os Huidoboro, os Blest Gana, saberão compor a diretriz chilena da poesia hispano-americana, formando um movimento que arrancará para a frente e para o alto, "pujante y renovador".

Entre esses chilenos, um de seus amigos mais constantes é, sem dúvida, o romântico Eduardo de la Barra (1839-1900), o primeiro a aderir ao paradigma modernista através da exortação do poeta nicaraguano. Barra traçou as diretrizes com que se afirmaria o modernismo chileno, através de seu brilhante prefácio para "Azul", de Darío, um verdadeiro grito de renovação para as almas poéticas do Chile.

Um dos fatores temáticos inerentes à poesia do artista e que contribuiu para consolidar seu movimento de unificação das letras e da intelectualidade hispano-americana foi, sem dúvida, o seu alerta contra o expansionismo geográfico dos norte-americanos e sua crescente influência na economia e sociologia da América Latina. Pioneiro no combate a esse movimento tentacular que ainda hoje se alastra com redobrado vigor, não só pelas terras americanas mas pelo mundo inteiro, Darío e seus "Cantos de Vida y Esperanza" — um hino inolvidável à liberdade e autodeterminação dos povos — foi marco purificador que acendrou o espírito de milhares de intelectuais conscientes em sua luta

pela defesa da nacionalidade. Nitidamente inspiradas nesta linha defensiva de Darío, encontramos várias obras tutelares da literatura hispano-americana de hoje, livros que trazem a assinatura vibrante de José Enrique Rodó, Rafael Pombo ou Raul Roa Bastos. A todos Darío dedicou a profecia de seu alvorecer, aquela "esperanza" de um futuro melhor que êle ansiava nos seus "Cantos", quando, no dizer de Idel Becker (in "Rubén Darío — Compêndio de Literatura Espanhola e Hispano-Americana", Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1943), exclamava augustamente como a voz maior do modernismo hispano-americano:

"Yo soy aquel que ayer no más decía  
El verso azul y la canción profana,  
En cuya noche un ruiseñor había  
Que era alondra de luz por la mañana!"

Peruanos, cubanos, bolivianos, não importa. A todos o rouxinol acolheu com idêntica boa vontade; a todos soube nortear na magnitude de seu canto e àqueles que reconhecia possuírem a chama viva da inteligência, não regateou de fornecer também o magnetismo de seu convívio pessoal, de seu afeto exuberante, sua cálida amizade. Muitas vezes Darío, tal o seu despojamento, levou sua confiança nos novos a paroxismos de exagêro. O coração bondoso e humano, sempre pronto a depositar uma palavra de fé, não raras vezes conseguia obnubilar sua lucidez crítica. É quando, por exemplo, enaltece o estro medíocre do cubano José Joaquín Palma (1844-1911), cujas últimas poesias ("Tejuicigalpa", 1882; "Guatemala", 1901 e "La Habana", 1916), embora passadas de patriotismo, fazem ridículo o soneto que Darío lhe dedicara em "Azul".

Mas o grande poeta era assim, livre, despojado, sequioso de novos horizontes. Sobre êle poder-se-ia parafrasear com grande propriedade suas próprias palavras, quando, dirigindo-se ao poeta e estadista Bartolomeu Mitre, afirmou que o líder argentino:

"Mira alzarse las torres a que diera cimientos y bases  
Y entre mirajes supremas la aurora futura".

Em realidade, laborando junto aos componentes do porvir, Darío deu base e cimentou uma tórre poética que hoje, antecipado o futuro de sua glória, não mais se constitui miragem.

Nesta tórre se abrigaram aquêles que hoje são, em tôdas as nações hispano-americanas, as proeminências mais destacadas do mundo literário. Além dos já citados, indispensável é, no entanto, lembrar a amizade que o uniu ao argentino Antonino Lamberti (1845-1926), poeta menor, mas de grande atuação no movimento modernista de Buenos Aires; ao mexicano Francisco de Icaza (1863-1925), seu companheiro na carreira diplomática; ao notável cubano José Martí (1853-1895) que, em Nova York, acercando-se de Darío, seu ídolo literário, recebeu em

cumprimento, com aquela voz "dulce y dominadora" do vate nicaraguano, esta exclamação: "Hijo"!

Assim era Rubén Darío, o poeta transcendental que hoje comemoramos. "Pequeno de cuerpo, imenso de alma, rostro de iluminado", recebendo a todos os novos que dêle se acercavam como a filhos seus, extremados. Esta a causa, repetimos, de seu imenso prestígio entre os jovens, entre êstes expoentes literários da Hispano-América que hoje, já encanecidos, tributam ao seu centenário uma memória de louvor e de carinho.

Retornando ainda a êsses tantos que êle amparou no ingresso ao mundo das letras, cumpre citar outros amigos seus, cuja proeminência em seus respectivos países seria hoje acultural desconhecer. Temos assim, a apresentação e o incentivo dariano para Fabio Fiallo (1865-1840), dominicano, poeta originalíssimo, que Garcia Godoy classificou de "diáfano, quase feminino"; bem como para Pedro Antonio González (1863-1905), poeta chileno, autor de "Ritmos", mergulhado num abismo alcoólico, mas dotado de uma lira exuberante que, para Onís (in op. cit.), tinha como único defeito a suntuosidade verbal.

Diante de tantos exemplos, não nos espanta encontrar um brasileiro entre os protegidos de Darío. É o poeta nicaraguano quem prefacia com brilhante estudo feito em Madrid, em junho de 1912, a primeira edição castelhana de "Opalas", livro de poemas do ilustre diplomata gaúcho Fontoura Xavier — esta edição, segundo o Dr. Paulo Xavier, traz ainda um Prólogo da autoria de José Santos Chocano, amigo comum dos dois poetas, havendo sido impressa na tipografia da Viúva Ch. Bourea, em Paris, 1914.

Espírito universal, completamente aberto às emanações artísticas de seu tempo, êle provocou, segundo Raul Silva Castro (in "Obras desconocidas de Rubén Darío", Universidad de Chile, 1934), uma revolução intelectual. Por êstes motivos de captação externa dos eflúvios culturais em ascensão, bem como por suas qualidades intrínsecas de excelente poeta e prosador, os maiores críticos da Hispano-América, como Alberto Ghirardo (in "El Archivo de Rubén Darío", Editorial Losada, Buenos Aires, 1943), Julio Saavedra Molina (in "Poesias y Prosas Raras de Rubén Darío", Santiago, "Anales de la Universidad de Chile", 1938), Arturo Maramo (in "Rubén Darío y su creación poética", La Plata, 1934), Diego Carbonell (in "El morbos de Rubén Darío", Caracas, 1943) e José León Pagano (in "Rubén Darío de mis recuerdos", Buenos Aires, "Boletín de la Academia Argentina de Letras", Tomo XII, n.º 45, 1943), são unânimes em ratificar sua genialidade.

## II

Nasceu essa figura genial em Metapa, na Nicarágua, a 18 de janeiro de 1867. Seu nome de batismo, recebido na paróquia de León, era Félix Rubén Garcia Sarmiento. Porém, como o sobrenome de seu tataravô

— Dario, era usado em Metapa para designar sua familia (los Dario), Rubén resolveu adotá-lo literariamente.

Em sua "Autobiografia" o artista nos evoca a triste condição daqueles tempos de infância, a separação dos pais, sua vida em casa do tio, devasso e ranzinza, musa central de sua precoce sexualidade.

Desde adolescente (êle próprio se designava poeta-menino), seu pendor literário viu-se manifestado. Dai suas primeiras publicações poéticas, aos 13 anos, nos jornais da região: "El Ensayo" e "El Termómetro", zelosamente guardadas e republicadas por Erwin K. Mapes (in "Poetry of Ruben Dario", "Bulletin of the Spanish Institut", Nova York, 1940). Aos 18, pouco antes de empregar-se na Biblioteca de Manágua, ingressa no terreno da prosa, com artigos para o conceituado matutino nicaraguano "La Verdad".

Por essa época, contratempos amorosos de sua exuberante sexualidade fazem com que dê uma escapada até El Salvador, donde retorna à terra natal em 1886 para uma brevíssima permanência. Neste mesmo ano embarca para o Chile, deixando publicadas as "Primeras Notas: Epístolas y Poemas" (1885).

No país andino, seu espírito, recém saído de arraigado contato com as raízes românticas, mas já em fase de nítida transição, provoca o advento de inúmeras obras: "Canto Épico a las glorias de Chile" (1887), "Abrojos" (1887), "Rimas" (1888) e "Azul" (1888). Colaborador assíduo da imprensa chilena ("La Época", "El Mercurio de Santiago" e "El Heraldo de Valparaíso"), breve está Rubén Dario, com apenas vinte e um anos, transformado no dinamismo que deveria assombrar o mundo literário.

Sua cristalização intelectual dar-se-ia, porém, somente em 1892, quando, já casado com Dona Rafaella Contreras (as núpcias se verificaram em 1890), assume seu primeiro posto na carreira diplomática como plenipotenciário da Nicarágua em Madrid. É a ocasião em que conhece Salvador Rueda (1857-1933), uma das maiores mentalidades de Espanha, o qual, afim de seu espírito por mais de uma identidade, haveria de incentivá-lo na senda do Modernismo, cujas primeiras emanações futuristas (Marinetti e outros) já, à época, inflamavam a intelectualidade ibérica.

Pouco tempo depois, perdida a esposa e já envólto com nôvo e infeliz matrimônio, vamos encontrá-lo em Paris, em contato com Jean Moréas, Verlaine e Charles Maurice, que operariam o definitivo estalo de sua sedimentação poética.

Porém, sua permanência na Cidade-Luz não se prolonga além do tempo necessário para que arrume as malas e parta para um nôvo posto diplomático, ao encontro de novos amigos, novos epígonos de sua arte. Desta feita é Buenos Aires o posto que assume, como Cônsul Geral da Bolívia, por designação do presidente daquele país, o poeta Rafael Nuñez.

Livre de preocupações económicas, Rubén Dario vê-se, assim, facul-

tado a escrever na república platina algumas de suas obras mais significativas: "Los Raros" (1896) e "Prosas Profanas" (1896), dois livros que causaram a mais intensa celeuma.

Por essa época, sempre preocupado com a divulgação dos novos que surgem, Dario resolve fundar com Ricardo Jaimés Freyre a "Revista de América", que se constituiu no primeiro baluarte do Modernismo nas terras americanas de língua espanhola.

O zênite de sua obra adviria, porém, da viagem que fez à Espanha em 1898, como correspondente do jornal "La Nación", ocasião em que publica seus trabalhos mais extraordinários: "España Contemporánea" (1901), "Peregrinaciones" (1901) e os célebres "Cantos de Vida y Esperanza" (1905).

Estamos pois diante do poeta, adulto e cristalizado. Dai para diante seguir-se-á um rosário de viagens, defendendo idéias, divulgando autores, haurindo conhecimentos, numa azáfama tempestuosa que o transporta de Madrid a Paris, de lá a Roma, de Roma a Bruxelas, de Bruxelas a Berlim, da cidade dos Kaisers a Londres, de lá a Viena e, assim, sucessivamente.

Tais vilegiaturas haveriam de coroar-se literariamente exitosas em 1907 (ano em que muda incessantemente de residência, seja de Palma de Mallorca para Buenos Aires, seja de lá para Manágua) com a publicação do nostálgico "Canto Errante", obra que muitos criticos já aproximaram da produção dolorida de dois outros grandes viajantes: Arthur Rimbaud e Blaise Cendrars.

Finalmente, após tantas andanças, Dario sente-se uma espécie de novo Boccaccio, cidadão das estradas, poeta cosmopolita, rebelde e altaneiro, capaz de iniciar na Europa a divulgação de uma literatura que, embora de acento espanhol, já se vai delineando com uma identidade nitidamente americana. É quando, em 1910, o público europeu toma conhecimento do que produz a Hispano-América, através de duas revistas de cultura que êle, o poeta-embaixador, teve suficiente audácia e descortínio para lançar em Paris, centro intelectual do mundo: "Mundial" e "Elegancias".

Por infelicidade, êste grandioso trabalho teve de ser sustado. Uma insidiosa moléstia, a hidropsia, faz com que busque as rochas de Palma de Mallorca, onde, como o genial Chopin, tenta mais uma vez receber os benefícios do clima, nem sempre ameno.

Mas a umidade da ilha o corrói. Solitário entre os penedos, vendo acercar-se inexoravelmente o fim, Rubén Dario recolhe-se ao abrigo de um mosteiro de capuchinhos, onde, no silêncio imperturbável do claustro, medita sobre os problemas filosóficos e as razões e incongruências do ser.

É neste depuramento de espírito que redige sua bellissima novela autobiográfica, "El Oro de Mallorca", publicada um ano depois de sua morte pela revista "Nosotros", de Buenos Aires. Com efeito, a 16 de fevereiro de 1916, sem conseguir recuperar-se, falece o poeta após ha-

ver retornado melancolicamente à pequena terra natal, "em busca dos cemitérios de sua infância".

A obra de Rubén Darío somente agora vem sendo compreendida em sua plenitude. Tal foi a transcendência de seu espírito que só aqueles contemporâneos mais cultos e arejados, aqueles jovens eruditos que seriam os artífices da nova literatura, souberam aquilatar o valor de seus trabalhos e a real extensão do aglutinamento que êle operou, com o movimento modernista, nas literaturas da Hispano-América, até então esparsa e narcisisticamente alienadas.

Dando um corte rápido e transversal no riquíssimo contexto dessa obra, verificamos haver sido êle, seguido de Amado Nervo e a plêiade de outros já citados, o elemento que deu identidade à literatura americana em castelhano, a qual, após êle, não mais pôde ser classificada de "literatura espanhola na América" mas, como tão bem nos esclarece Max Daireaux (in "Panorama de la littérature hispano-américaine", Paris, 1930, Editions K. R. R.), de "cultura de americanos para americanos".

Êle fixou os valores de sua língua e de seu povo, dando-lhes uma nova dimensão de prestígio, tanto na prosa, quanto no verso. Embora sendo de assimilação universal, sua concepção modernista tende à afirmação racial e à sedimentação dos avatares lingüísticos. O próprio autor nos assevera que "en el fondo de mi espíritu, apesar de mis visiones cosmopolitas, existe el inarrancable filón de la raza; mi pensar y mi sentir continúan un proceso histórico y tradicional" (in Historia de mis libros).

Esta objetividade de transmutação histórica da literatura americana, esta busca constante de raízes, êste pesquisar incessante de valências, tudo isso está presente ao longo da obra de Darío. Tal se constata na sexualização exuberante da "Balada en honor de las musas de carne y hueso", no desassossêgo telúrico das "Prosas Profanas", na ansiedade cósmica dos "Cantos de Vida y Esperanza", na tensão angustiante dos "Nocturnos", na dissolução sublimada de "Azul" ou na mansa conformidade que Amado Alonso (in "Estilística de las fuentes literarias de Rubén Darío y Miguei Ángel", Buenos Aires, "La Nación", 25.9.1932) nos aponta na suave "Canción de Otoño en Primavera".

Igualmente verificamos em Darío uma constância de humana e dilacerada angústia ("Las Ánforas de Epicuro"), um assombro ante abismos insondáveis ("Responso a Verlaine"), um apêgo sobre-humano à vida ("Sonatina"), uma noção extremamente lúcida da fugacidade dos bens terrenos ("Canto a la Argentina") e um refinamento aristocrático a descansar sobre arcanos de sabor indígena ("Era un aire suave") que o conscientizavam de que os produtos estéticos não necessitam exatamente ser frutos herméticos de uma "elite".

Aristocrata de espírito e sensibilidade, êle foi igualmente um apaixonado das tradições folclóricas de sua gente. Elaborando-as cuidadosamente, sublimando-as num crescendo nascido na fecundidade da ter-

ra, êle soube transformá-las numa poesia renovada, onde se avolumam as conquistas interiores, o aplacar dos impulsos instintivos, e as novas formas de construção vocabular, repletas de originalíssimas sugestões.

Assim sendo, a euforia de sua cultura cosmopolita, a persistência de seu trabalho e o denôdo de seu gênio imbatível, operaram a mais salutar e radical transformação que já se verificou em tóda a história literária da Hispano-América. Ê, por esta razão, o nome de Rubén Darío, patriarca do Modernismo, cumpre hoje ser lembrado, cem anos após seu nascimento, como um marco definitivo da redenção sócio-intelectual dos povos dêste continente, uma lápide imarcescível que aí está, como base e permanência.